



**Priscila Natividade**  
 texto  
 priscila.oliveira@  
 redebahia.com.br

Um elevador onde é possível estacionar o carro na cabine e chegar diretamente em uma suite de 250 m<sup>2</sup>, com direito a piscina privativa de mais 200 m<sup>2</sup> para chamar de sua. E tem mais. Duas cascatas de 17 m de altura, aquários internos, pista de boliche e até uma hamburgueria particular. Ah, e esse luxo todo ainda não acabou. Cinema, cafeteria, mesquita, piscina olímpica e uma garagem principal para 18 carros. Esqueça todos os palácios que você já viu em filmes. Esse é real e foi projetado por um arquiteto baiano.

O Palácio Abo Omar está sendo construído em Jeddah, na Arábia Saudita. O projeto foi a porta de entrada no mercado árabe de alto padrão para Júnior Andrade, de 28 anos. Tudo começou via uma mensagem direct que ele recebeu em seu perfil no Instagram. "O contratante era um multi empresário que já entrou até no Guinness Book (Livro dos Recordes). Um dos seus negócios é a maior rede de hambúrgueres da Arábia Saudita que equivale a 10 quadras de tênis, a f'm Hungry. Em 2020, alguns trabalhos meus começaram a ser repostados por grandes páginas especializadas no setor de arquitetura de luxo nos Estados Unidos e os árabes estavam de olho nisso".

Ao abrir a reunião online, o contratante, Abo Omar, impôs de imediato uma condição: só continuaria a conversa se Júnior fosse lá, presencialmente, já que os arquitetos norte-americanos que procurou, antes, não tinham disponibilidade para ir à Arábia. Depois de 15 dias, Júnior estava desembarcando em Jeddah, pela primeira vez, para fechar o trabalho. "A viagem à região e imersão na cultura possibilitou que eu entendesse melhor toda a arquitetura do Oriente. Esse trabalho foi como um abre-alas para o mercado internacional. Ali pude mostrar a forma que penso e faço arquitetura e trazer o olhar do mundo para o nosso escritório", ressalta.

O projeto está locado em um terreno de 14 mil m<sup>2</sup> com uma área total construída de 6 mil m<sup>2</sup> que envolve um grande palácio no centro e mais quatro casas de 450 m<sup>2</sup>, onde os filhos do empresário irão morar. Além de dois elevadores automotivos, o palácio tem outros 12, somando 14 no total. A casa tem uma piscina suspensa com fundo em vidro, quadra de squash, quadra poliesportiva e spa. No início, as primeiras plantas vieram em árabe, o que levou à necessidade de contratar um intérprete. Após um acordo com o cliente, Júnior conta que o material técnico passou a vir em inglês, idioma no qual todas as tratativas internacionais são feitas pelo escritório.

"Confesso que, no começo, o inglês era bem enferrujado e no primeiro contrato precisei de um intérprete até porque o

**O arquiteto baiano Júnior Andrade, nascido em Vitória da Conquista, projetou um palácio no Oriente Médio**



TORIN ZANETTE/DIVULGAÇÃO

#### QUEM É

● **Júnior Andrade** é proprietário do escritório JR Andrade Arquitetura (@arquiteto-juniorandrade). O arquiteto iniciou a carreira no interior da Bahia e hoje atua em 20 cidades brasileiras e seis países no mundo, desenvolvendo projetos de alto padrão.

## Arquiteto baiano das arábias

**Luxo** Aos 28 anos, Júnior Andrade vem conquistando o mundo com projetos como o grande Palácio Abo Omar, no Oriente Médio

cliente falava apenas árabe. Depois disso, voltei a me dedicar ao inglês e hoje essa comunicação é mais tranquila", diz. Após dois anos trabalhando no projeto, a obra para colocar o palácio de pé começou em 2022 com previsão de conclusão em 2025.

"A arquitetura árabe é caracterizada pelo grandiosíssimo e uso de materiais exclusivos e nobres. A noção de espaço é uma coisa que me marcou bastante. Ambientes que aqui consideramos grandes lá são relativamente normais ou até mesmo pequenos", complementa o arquiteto. Até agora, a pandemia e a guerra no Oriente Médio não afetaram os prazos da obra, porém, o conflito interferiu nos custos como o aumento do preço do ferro. "É uma obra que exige bastante tempo. A exuberância e a escala monumental são



muito fortes nos empreendimentos árabes”.

#### VISIBILIDADE

Andrade tem, atualmente, dois escritórios no Brasil – um, na Bahia e outro, em São Paulo. Em breve, ele deve abrir uma nova unidade em Doha, no Qatar ou Dubai. Na equipe do arquiteto são 25 pessoas, que se dividem desde a parte de projetos até a gestão do negócio e marketing. “Hoje o foco continua no Oriente Médio e a abertura do escritório lá é uma estratégia para novos projetos em Dubai, Barein, Abu Dabhi e Omã. O mercado americano, principalmente em Miami e Nova York, tem se mostrado aberto também, então, nossa expansão deve se dar nesses dois sentidos”.

À frente da JR Andrade Arquitetura, Júnior nasceu em Vitória da Conquista, mas começou a atuar em Itapetinga, município baiano onde foi criado. Há seis anos, o primeiro projeto foi a construção da casa de uma tia. “A vontade de me tornar arquiteto surgiu quando entrei em uma loja de iluminação e fiquei analisando as possibilidades que teria em criar ambientes por meio da luz. Sabia que se não fosse jogador de futebol – sonho de toda criança naquela época – seria algo que estivesse ligado a criação”.

Depois disso, ele retornou para Vitória da Conquista, onde o escritório começou a tomar forma. Por meio das redes sociais, onde acumula atualmente mais de 56 mil seguidores, Júnior começou a divulgar seu trabalho. Antes de focar no mercado de fora, o arquiteto já somava projetos em 19 cidades brasileiras nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Ceará. “Com muito trabalho e dedicação, comecei a fazer marketing digital no Instagram com a visão de exposição ao mercado estrangeiro, vendo que ali teria espaço para mostrar minha arquitetura para o mundo”.

Júnior Andrade cursou Arquitetura e Urbanismo na Unime Itabuna, em 2016. O coordenador do curso da faculdade, Luciano Pillo, comenta que para os professores da instituição, Júnior sempre pensava a arquitetura ‘fora da caixa’. “As atividades de Júnior nos ateliers de Projeto de Arquitetura já demonstravam um forte desejo de transpor os limites formais. Ele já tinha a percepção de que para se tornar um profissional reconhecido seria necessário ir além”.

De acordo com Pillo, toda a complexidade das diferenças urbanas e rurais por aqui, riquezas culturais, tradições e vivências é capaz de dar ao arquiteto uma visão de mundo diferenciada. “A repercussão desse convívio nas formas diversas de pensar, sentir e conceber a arquitetura e o urbanismo preparam o profissional para construir e propor intervenções absolutamente

●● **A gente faz uma arquitetura feliz, menos fria e mais quente, criando ambientes acolhedores**

●● **É uma obra que exige bastante tempo. A exuberância e a escala monumental são muito fortes nos empreendimentos árabes**

●● **Vindo do meu contexto, de uma família humilde do interior, tenho orgulho de falar isso. A Bahia ainda não saiu de mim. A boa arquitetura abre portas, mas residir no mercado do exterior significa entender os povos e cultura. Sempre pensei na arquitetura para pessoas**

●● **Em 2020, alguns trabalhos meus começaram a ser repostados por grandes páginas especializadas no setor de arquitetura de luxo nos Estados Unidos e os árabes estavam de olho nisso**

●● **É uma obra que exige bastante tempo. A exuberância e a escala monumental são muito fortes nos empreendimentos árabes, Júnior Andrade**  
arquiteto

singulares à visão arquitetônica moderna. Seja onde for”.

Para o presidente do Conselho de Arquitetura e Urbanismo da Bahia (CAU-BA), Neilton Dorea, casos como o de Júnior Andrade são ainda uma exceção. Porém, tanto a arquitetura brasileira quanto baiana são muito respeitadas internacionalmente. “Se você olhar isso de um universo de quase 7 mil arquitetos que nós temos no estado da Bahia, dois, três, quatro, conseguem realmente uma oportunidade fora. São arquitetos que fazem contatos, constroem uma rede. Seria até interessante se houvesse um movimento maior dessa internacionalização. A arquitetura baiana tem toda qualidade e competência para isso”.

#### MADE IN BAHIA

E quanto custa um palácio? Por questões contratuais, o arquiteto Júnior Andrade esclarece que as informações são mantidas em sigilo, mas valores de execução e construção chegam, em média, a 20 milhões de dólares. Nem todo projeto é igual ao outro. Se no Brasil se usa muito bloco cerâmico e concreto armado, no Oriente Médio as questões climáticas pedem paredes mais espessas e revestimentos nas paredes externas, por exemplo.

“Uma curiosidade acerca disso é que, ao começar a obra, uma das primeiras coisas após fazer a parte estrutura e de vedações é a instalação do ar condicionado, que fica ligado 24 horas por dia para que os trabalhadores tenham condições de atuar por conta do calor da região”, comenta.

Mesmo em solo árabe e com tantas diferenças, os projetos acabam trazendo muitas influências do Brasil e da Bahia, como destaca Júnior. Pedras naturais, madeiras e texturas marcam presença nos trabalhos. “Saber ouvir, estar atento aos detalhes e a capacidade de se adaptar são características muito bem vistas fora do país. Recentemente, o Sidney Quintela – também arquiteto baiano que tenho um grande apreço – abriu escritório em Portugal. A gente faz uma arquitetura feliz, menos fria e mais quente, criando ambientes acolhedores”.

Pai de Théo e Edu, de 3 e 2 anos, respectivamente, Junior mora hoje em São Paulo, onde a maior parte da sua equipe trabalha. “Vindo do meu contexto de uma família humilde do interior, tenho orgulho de falar isso. A Bahia ainda não saiu de mim. Sou um sonhador, comecei com a ambição de um menino. A boa arquitetura abre portas, mas residir no mercado do exterior significa entender os povos e cultura. Sempre pensei na arquitetura para pessoas, isso somado com meu lado empreendedor me trouxeram até aqui”.

## CRÔNICAS POR KATIA BORGES



✉ [katiamacces@gmail.com](mailto:katiamacces@gmail.com)

### Viajar assim é viagem

SINTO QUE, EMBORA AINDA EM CONSTRUÇÃO, ESSA OUTRA QUE HOJE EMBARCA SEM MEDO EM AVIÕES SE DESPEDIU DAQUELA QUE TEMEROSAMENTE MANTINHA OS PÉS FIRMES NO CHÃO

Viajar! Perder países! Penso no poema de Fernando Pessoa enquanto revejo alguns registros dos lugares por onde passei, turista viciada em visitar livrarias, ainda com poucos carimbos no passaporte. Todos os sonhos do mundo, imaginárias bagagens, pesquisa constante de passagens e tickets.

Não lamento o tempo em que as malas estiveram vazias, o tempo em que eu vivia ancorada no cotidiano, atada por laços de afeto que não alcançavam outras imagens, outras margens, movimento, e até mesmo as tediosas revistas nas alfândegas. Nada que não fosse trabalho deslocava minhas âncoras.

Sinto que, embora ainda em construção, essa outra que hoje embarca sem medo em aviões se despediu daquela que temerosamente mantinha os pés firmes no chão. Foi essa moça sem muita coragem que me levou ao aeroporto, atravessando o lendário túnel de bambu do Dois de Julho.

Também foi ela quem me conduziu, outras tantas vezes, às grandes rodovias que interligam as capitais do Brasil, o rosto pálido colado no vidro embaçado das janelas de carros e ônibus interestaduais. Eu a vejo cada vez mais distante pelo retrovisor. Eu a deixo cada vez menor enquanto o avião decola.

O que resta em mim dessa outra é uma miragem distante e quase não temos nada em comum. Se ela sente saudade do que fomos, deixo que chore e grite até que a dor perca seu tônus. Existo em trânsito. “Ser outro constantemente/Por a alma não ter raízes/De viver de ver somente!”.

Mas tenho a impressão de que ver nunca é o suficiente. Como a Lua cheia que mingua numa fotografia feita com smartphone. Como o reflexo da Lua no mar. Algumas belezas só se revelam a olho nu. Camadas densas de representações se interpõem entre o que somos e o que vemos.

Camadas densas de representações se interpõem entre o que somos e o que vivemos. Passageiros sempre a seguir, nem a nós nos pertencemos, como diz o poema de Pessoa: “Viajar assim é viagem/Mas faço-o sem ter de meu/Mais que o sonho da passagem/O resto é só terra e céu”.

KATIA BORGES É ESCRITORA E JORNALISTA